

A ALEGRIA DO EVANGELHO E O FUTURO DA FAMÍLIA CRISTÃ

1. A alegria do Evangelho versus a tristeza do disangelho

a) Exílio da Babilónia (587 a. C): contexto

As tropas de Nabucodonosor invadem Jerusalém, saqueiam e profanam o Templo, queimam as casas, fazem prisioneiros e levam deportados para a Babilónia as pessoas mais válidas. Apenas deixam os mais frágeis, os velhos, as mulheres e crianças (2 Rs 25, 8-12).

Na Babilónia os primeiros tempos eram muitos duros, penosos e tristes. O Salmo 137 regista nitidamente o eco angustiado dos exilados expressando o sofrimento que viviam: *“Junto aos rios da Babilónia nos sentamos a chorar, recordando-nos de Sião...”*

A amargura e a humilhação pela derrota, a dor pela perda das pessoas queridas, a nostalgia pela terra prometida agora perdida é de tal ordem que chegam a desejar vingança contra os babilónios malvados e os seus filhos, pelo escárnio que fazem dos israelitas...

Naturalmente, nasce no povo interrogações inquietantes e legítimas do ponto de vista de quem sofre: *“Por que é que o Senhor nos abandonou? Por que é que Deus permitiu esta situação, escravos nas mãos dos nosso inimigos?”*

Tiram duas conclusões:

1. Estamos nestas condições miseráveis por causa dos nossos governantes que não escutaram os profetas e desviaram-se dos caminhos do Senhor.
2. Nós também tivemos culpa, porque deixamo-nos enganar e cometemos muitas maldades.

Será que viveremos para sempre como escravos? Quem irá libertar-nos? Será que Deus se esqueceu de nós para sempre?

Deus responde de duas formas, pela boca do profeta:

1. Com a imagem maternal (Deus-Mãe): Isaías 49, 14-16: *“Pode uma mãe esquecer ou não ter carinho pelo seu filho, fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse, Eu nunca te esqueceria. Gravei-te nas palmas das minhas mãos”*.
2. Com a imagem sponsal (Deus-Esposo) - com juras de amor eterno e apaixonado: Isaías 54, 6-10: *“Por um curto momento Eu te abandonei, mas com grande amor, volto a unir-me contigo... tenho por ti um amor eterno”*.

Não será por acaso, as duas únicas vezes que aparece a VOZ de Deus nos Evangelhos, dirigem-se a Jesus, para dizer sempre a mesma coisa: No Batismo e na Transfiguração: *“Tu és o Meu Filho, muito Amado”*. Ou seja, do céu só vem declarações de AMOR. Esta é a BOA NOTÍCIA = Evangelho.

Com estas e outras palavras, o profeta do Exílio (Deutero-Isaías) anuncia palavras de consolação ao povo. É tal a convicção do profeta que fala aos exilados como se aquele tempo de prova já tivesse terminado. Para o profeta (tal como para Deus), o futuro é já uma realidade.

b) Édito de Ciro 539 a. C: a libertação

Os israelitas tiveram que esperar perto de cinquenta anos para a profecia se realizar!

Sensivelmente, 50 anos mais tarde, em 539 a. C., Ciro rei dos persas, conquista a tão cobiçada babilónia e depois surpreendentemente autoriza que todos os judeus cativos regressem à sua terra. (Tempo suficiente de passar mais de uma geração!)

Finalmente, o sonho de Deus torna-se realidade! E tal como diz o poeta: *“Pelo sonho é que vamos...”*. É o sonho de Deus, traduzido pelas palavras do profeta que fechando os olhos do rosto, para poder abrir melhor os olhos do coração, anuncia a boa nova esperançosa e felicitante: vê a caravana dos exiliados regressando, um mensageiro precede-a veloz, como se tivesse asas nos pés, porque quer ser o primeiro a dar a boa notícia da chegada dos deportados.

Em êxtase exclama: *“Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que apregoa boa-nova, e que proclama a salvação”* (Is 52, 7. Rm 10, 15).

E o sonho continua: as sentinelas ao longe reconhecem naquela coluna de pessoas, não só os exilados que regressam, mas à sua frente vem o Senhor Deus, comandando toda a caravana.

A alegria é total: afinal, Deus não os abandonara à sua má sorte. Terminaram os dias de sofrimento e humilhações, os maus governantes deixarão de explorar e oprimir o povo. Uma nova etapa inicia-se, com um reino onde o Senhor se colocará firme e forte à frente do seu povo.

A visão profética termina afirmando que Jerusalém soltará brados de alegria e todos os confins da terra verão a obra incrível que o Deus de Israel realizou em favor do seu povo.

O termo **Evangelho** vem do grego (*eu-angelion*) que significa ‘notícia boa’.

‘Evangelho’ era usado para noticiar uma grande vitória, um nascimento e subida ao trono de um novo imperador. Estes acontecimentos marcavam o início e a esperança de um novo futuro.

Note-se que é exatamente aqui neste contexto que a palavra **Evangelho** aparece pela 1ª vez, na Bíblia, em Isaías 52, 7: *“como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, que apregoa boa-nova, e que proclama a salvação”*.

O contexto histórico, ajudar-nos-á a compreender o seu sentido. (Ciro, imperador Persa, conquista a Babilónia e uma das medidas que toma é libertar, o exilado povo judeu, de regresso para a sua pátria).

Daí tiramos **duas conclusões: a notícia é boa, mas paradoxal**. Esta são duas chaves que temos de ter em conta, todas as vezes que falamos de “Evangelho” como Boa Nova!

1. *Paradoxal* (no sentido de surpreendente, inesperada, até contrária à lógica expetável do mundo): porque a salvação de Deus vem por um caminho nunca suspeitado pelo povo; o rei pagão Ciro torna-se assim meio e instrumento do plano de Deus, (ungido por Deus) porque é uma ação que vem mudar a situação histórica do povo sofredor.
2. *Boa notícia*: porque cheia de esperança e alegria trazendo a libertação; Uma “notícia boa” (Evangelho) não pode ser boa se só for para alguns. Só é “Evangelho” se for universal. Portanto, o Evangelho para cumprir a sua função de Boa Notícia tem de ser para todos: crentes e não crentes!

A Igreja e os anunciadores do Evangelho terão que perguntar muito seriamente se o Evangelho que anunciam, pregam e vivem é, de facto, uma notícia boa, feliz e felicitante?

Este termo torna-se muito importante no tempo de Jesus, porque na Sinagoga existia a Tora, Salmos e Isaías... por isso, chamar à narração da vida de Jesus ‘*eu-angelio*’ implicava uma autêntica confissão de Fé na vida de Jesus, como a boa notícia que o homem não suspeitava: em Jesus Cristo, Deus vem efetivamente ao encontro do Homem, com o seu amor e poder de salvação; o que nos traz a autêntica vida e felicidade.

Exortação apostólica: Alegria do Evangelho

- A alegria do Evangelho faz parte de todos aqueles e aquelas que se encontram com Jesus, ou que tomam a decisão de se deixar encontrar por Ele (EG 1. 3).
- Risco do mundo atual: *tristeza individualista*. Fechar-se a si mesmo é fechar-se ao outro, inclusive aos pobres – proposta contrária ao Reino de Deus! (EG 2). Mensagem quaresma 2015: Globalização da indiferença.
- Exemplos: «um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral» (10);
- «cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa» (6);
- «pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre» (84, 85 e 109);

A Exortação apresenta-se como que **o programa do pontificado de Francisco**, com duas partes: uma que diz respeito à renovação no interior da Igreja, outra referente à missão da Igreja perante a situação económico-financeira e social do mundo.

1. Transformação da Igreja ad intra:

A palavra mais repetida no documento é a palavra alegria. A Igreja tem, pois, de ser uma casa onde reina a alegria, o que não significa ausência de esforço, de trabalho e sacrifício. A Igreja tem de ser a "Casa do Pai", o Deus que ama e perdoa sempre, e onde, por isso, as pessoas se sentem bem.

"A Igreja não é uma alfândega", controladora das pessoas e fiscalizadora das suas ideias, mas uma casa aberta, onde há transparência e fraternidade. Nela, o predomínio não pertence à doutrina mas ao Evangelho e, portanto, à confiança e à esperança, aonde todos se podem acolher.

A Igreja tem de ser missionária, sair de si mesma, arriscar e ir ao encontro das pessoas, sobretudo das que vivem nas "periferias" geográficas e existenciais. Uma Igreja livre, capaz de denunciar profeticamente as injustiças do mundo.

Uma Igreja atenta aos "sinais dos tempos", como mandou o Concílio Vaticano II, capaz de comunicar a sua mensagem com linguagem viva e atual - atenção às homílias! (Um pensamento; uma imagem; um sentimento).

Impõe-se a reforma das estruturas eclesiais, portanto, mais colegialidade e sinodalidade, isto é, mais democracia. "Igreja somos todos" e por isso é necessário desclericalizá-la e ativar a corresponsabilidade dos leigos, reconhecendo à mulher os seus direitos nos lugares de decisão.

2. Transformação da Igreja ad extra:

A causa de Deus é a causa do ser humano, de todo o ser humano, feliz e pleno, começando, evidentemente, pelos mais pobres e marginalizados, os das periferias. Eles não são "sobras", nem merecem as nossa "sobras". No dizer de S. João Paulo II: O caminho da Igreja é o homem de hoje. A Igreja não é nem nunca poderá ser fim em si mesma. Só existe e só cumprirá fielmente a sua missão se servir e for ao encontro do homem de hoje!

Denuncia a nova tirania de um capitalismo desregulado e desenfreado. Este desequilíbrio "provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Uma das causas desta situação é a idolatria do dinheiro.

Criámos novos ídolos: o bezerro de ouro é na sua nova versão "o fetichismo do dinheiro e a ditadura de uma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano". Ora, "o dinheiro deve servir e não governar".